

PSICOLOGIA DA RELIGIÃO: A RELIGIOSIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DOS SUJEITOS

PSYCHOLOGY OF RELIGION: RELIGIOSITY AND ITS IMPLICATIONS IN THE PSYCHIC DEVELOPMENT OF SUBJECTS

Drielly dos Reis Pereira¹
Maria das Graças Teles Martins²

RESUMO: INTRODUÇÃO: A psicologia da religião surgiu a partir da necessidade de compreender o *homo religiosus* que habita em cada um de nós, permeando nossa psique e seus elementos: o consciente, o inconsciente e suas manifestações. **OBJETIVO:** analisar como a religiosidade contribui para a formação e desenvolvimento psíquico dos indivíduos. **METODOLOGIA:** Este estudo adotou como metodologia a pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa. Os materiais foram livros impressos e artigos científicos disponíveis em bases de dados tais como: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca virtual em saúde (BV-Saúde), Periódicos eletrônicos em Psicologia (Pepsi), revistas de Psicologia e Religião, além de publicações de instituições de renome como PUC, USP, UFC publicados no período de 2015 a 2021. **RESULTADOS:** Os resultados indicam que a religiosidade é um aspecto real da psique e interfere de forma fundamental no processo de estruturação do desenvolvimento psicológico do indivíduo, o qual movimenta o homem para a busca de sentido e permeia grande parte da sua vida em seus mais amplos aspectos desde os relacionais, profissionais até os estritamente pessoais. Além disso, constatou-se que o profissional de psicologia tem papel ativo na análise e interpretações dos fenômenos e experiências religiosas. **CONCLUSÃO:** Esse estudo buscou sair da ideia simplória de que religião é só de caráter institucional e se procurou descartar o fato de que religiosidade se resume a quando o cliente fala de Deus, fé ou suas práticas exteriores. Dessa forma, esse estudo científico contribui para o aprofundamento do caráter religioso da psique humana e do fenômeno da religiosidade, que é um fenômeno psicológico e inerente a todo ser que vive e pensa, ou seja, o psicólogo não apenas deve esperar que a religiosidade se manifeste de forma abrupta, mas pautar a sua análise em descobrir onde esse fenômeno é vivo na vida pessoal do sujeito. Pois, como afirma Jung (1932) apud Franz (2021): “a única maneira pela qual Deus já falou ao homem é através da psique, e a psique o entende e nós o vivenciamos como algo psíquico. Qualquer pessoa que chame isso de psicologismo está negando o olho que contempla o sol.”

532

Palavras-chave: Religião. Psicologia e religião. Desenvolvimento humano. Psicologia.

¹ Acadêmica do curso de bacharelado em Psicologia/Estácio de Macapá.

² Prof. orientadora, Me. em Saúde Coletiva pela UNIFESP e Ciências da Educação pela ULHT- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal.

ABSTRACT: INTRODUCTION: The psychology of religion emerged from the need to understand the homo religiosus that lives in each of us, permeating our psyche and its elements: the conscious, the unconscious and their manifestations. **OBJECTIVE:** to analyze how religiosity contributes to the formation and psychic development of individuals. **METHODOLOGY:** This study adopted a bibliographic, exploratory and qualitative approach as a methodology. The materials were printed books and scientific articles available in databases such as: Scientific Electronic Library Online (Scielo), Virtual Health Library (BV-Saúde), Electronic Journals in Psychology (Pepsi), Psychology and Religion journals, in addition to publications from renowned institutions such as PUC, USP, UFC published from 2015 to 2021. **RESULTS:** The results indicate that religiosity is a real aspect of the psyche and fundamentally interferes in the structuring process of the individual's psychological development, which it moves man towards the search for meaning and permeates a large part of his life in its broadest aspects, from relational, professional to strictly personal. In addition, it was found that the psychology professional has an active role in the analysis and interpretation of religious phenomena and experiences. **CONCLUSION:** This study sought to leave the simplistic idea that religion is only of an institutional nature and sought to discard the fact that religiosity is limited to when the client talks about God, faith or their external practices. In this way, this scientific study contributes to the deepening of the religious character of the human psyche and the phenomenon of religiosity, which is a psychological phenomenon and inherent to every being that lives and thinks, that is, the psychologist must not only expect that religiosity manifest abruptly, but base your analysis on discovering where this phenomenon is alive in the subject's personal life. For, as Von Franz (2021) apud Jung (1932) states: “the only way in which God has ever spoken to man is through the psyche, and the psyche understands it and we experience it as something psychic. Anyone who calls it psychologism is denying the eye that beholds the sun.”

533

Keywords: Religion. Psychology and religion. Human Development. Psychology.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar como a religiosidade contribui para a formação e desenvolvimento psíquico dos indivíduos. Nesse caminho, busca-se apresentar um breve histórico da religiosidade e sua relação com a psicologia, descrever a relação desse fenômeno religioso com o desenvolvimento da psicologia interna do homem e discutir qual o entendimento da ciência da Psicologia em relação a essa religiosidade.

A ciência psicológica por muito tempo vem em uma busca incessante de compreender a complexidade da natureza humana, suas transformações, experiências, comportamentos, percepções e sua forma de estar e agir no mundo. Com isso, muitos estudos, pesquisas e análises são criadas para atingir esse grau de completude do desenvolvimento humano.

A psicologia da religião surgiu também a partir dessa necessidade de compreender o *homo religiosus* que habita em cada um de nós, permeando nossa psique e seus elementos: o consciente, o inconsciente e suas manifestações. Essa vertente da psicologia surgiu com William James no início do século XIX: “James atribuía à natureza humana a capacidade de entrar em comunhão direta com o divino por um sentimento de peculiar solenidade e intensidade, denominada *experiência religiosa*. (DIAS, 2017, p.102). Dessa forma, percebemos que James foi um grande expoente da psicologia da religião, capaz de perceber e estudar de forma empírica os fenômenos da religiosidade; fazendo uma distinção clara e didática do campo religioso, dividindo-o de um lado em religião institucional e de outro em religião pessoal. Nesse sentido, religião institucional, segundo James (1991), estar intrinsecamente ligada ao culto, ao sacrifício, a teologia, a cerimônia e a organização eclesial. Por outro lado, a religião pessoal se relacionar com as “disposições interiores do próprio homem que formam o centro de interesse, sua consciência, seus abandonos, seu desvalimento e sua imperfeição. (JAMES,1991, p. 38).

Dessa maneira, este estudo adotou como um dos objetos a religião em seu aspecto pessoal conforme James o conceitua. Além disso, se atém também em estudar o panorama geral da religiosidade e como esse aspecto coaduna com a ciência da Psicologia, analisando suas implicações na formação psíquica dos homens e suas manifestações a nível do coletivo. Visto que, “A psique constitui o objeto da Psicologia e também é, infelizmente, o seu sujeito. Não podemos fugir a tais fatos”. (JUNG, 2011, p.69).

Assim, este estudo se justifica pela sua relevância para em diferentes áreas científicas como a social, educacional, religiosa, psicológica e por contribuir para a disseminação da psicologia das religiões dentro da academia. É relevante por trazer um olhar mais diferenciado da formação interna dos sujeitos, saindo de uma exposição meramente conceitual ao ocasionar discussões acerca da religiosidade em seus aspectos pessoais e psíquicos, em como ela se desenvolveu através do tempo e qual o objetivo que desempenha, visto que é uma constante na constituição de cada homem e de cada mulher, seja dentro de uma civilização primitiva, seja dentro de uma civilização moderna e organizada.

Além disso, o interesse por essa temática surgiu justamente pela ausência de estudos científicos e abrangentes sobre o tema a nível regional. Assim, surge a possibilidade de contribuir para o meio científico e acadêmico a partir de um copilado de autores, muitas das vezes, esquecidos e pouco citados dentro do colegiado de psicologia e que, deram grandes saltos no que se refere ao estudo dos elementos que englobam o desenvolvimento geral de um ser humano.

Considerando o exposto, buscou-se traçar os seguintes questionamentos: de que modo a religiosidade se desenvolve ao ponto de contribuir para a formação e para o desenvolvimento psíquico do sujeito, visto que o fenômeno religioso é uma constante no seio da história da humanidade?

A pesquisa também se refina com base na visão de mundo, *Weltanschauung*, a qual esses pensamentos se fundamentam: de que o homem não é apenas fruto de um meio em que vive ou uma parte desvinculada do todo (família, sociedade, instituições, cultura) mas as duas coisas ao mesmo tempo. O homem, nesse sentido, possui em sua psique estruturas que buscam o seu desenvolvimento e a religiosidade é apenas um desses aspectos, que não pode ser excluída ou abafada, pelo contrário deve ser estudada, aprofundada e aproveitada seja dentro de um setting terapêutico, de uma escola, de um consultório médico ou dentro de um centro religioso (JUNG, 2011).

535

Ademais, Jung (2015) na obra *A vida simbólica* afirma que existe uma rica colheita a ser conseguida na área das ciências espiritualistas, na qual estamos ainda na extrema periferia desse vasto campo de trabalho, sendo a maior parte terra virgem. Logo, essas questões aguardam um trabalho analítico e minucioso de nossa área de estudo, além disso, com o avançar da modernidade e as novas formas de se relacionar a questão da religiosidade se apresenta sobre novas faces e novos símbolos, que necessitam de um olhar acurado de todo aquele que busca compreender o homem nas suas complexidades. Uma vez que, “a atividade do inconsciente coletivo manifesta-se não só nas constelações compensadoras da vida individual, mas também na mudança das ideias dominantes no curso dos séculos” (JUNG, 2015, §1.161).

Sendo assim, se buscou compreender de que modo a religiosidade se desenvolve ao ponto de contribuir para a formação e para o desenvolvimento psíquico do homem. Ou seja, partindo do entendimento em “compreender como crenças religiosas se

desdobram em ações e como elas ajudam na saúde psicológica do indivíduo. A utilidade das religiões, portanto, é algo indiscutível” (BENEVIDES, 2020, p.308).

METODOLOGIA

Este estudo adotou como metodologia a pesquisa bibliográfica, exploratória e de abordagem qualitativa, que se ancorou por meio da participação de autores como James (1991); Hillman (2018); Jung (2015), dentre outros que se debruçam sobre a temática em questão. A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas. (SOUZA et. al.,2021)

Foram utilizados para este estudo livros impressos e artigos científicos disponíveis em bases de dados tais como: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca virtual em saúde (BV-Saúde), Periódicos eletrônicos em Psicologia (Pepsi), revistas de Psicologia e Religião, além de publicações de instituições de renome como PUC, USP, UFC publicados no período de 2015 a 2021.

A pesquisa dos materiais se deu através do cruzamento de palavras que se relacionam com o tema, tendo como objetivo extrair as concepções sobre a religiosidade, psicologia da religião e desenvolvimento que continham os seguintes termos: religiosidade/psicologia; histórico da psicologia da religião, o fenômeno religioso e a psicologia, desenvolvimento psíquico e religiosidade, conceito de religião, religião e psicologia e religião e espiritualidade.

No que tange ao riscos e benefícios, em razão de não haver manipulação humana, não apresentou riscos. Dessa forma, foram cumpridos os critérios éticos de pesquisa descritos na lei 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, não sendo necessário o uso do Termo Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os benefícios desse estudo se relacionam com a produção de conhecimento científico, uma vez que, aborda uma temática nova dentro do campo psicológico, a qual vem se mostrando cada vez mais influente na vida dos sujeitos, seja pela busca do seu equilíbrio, seja como uma forma de iniciar seu processo de interiorização e autodescoberta.

A análise dos dados levantados se deu de forma linear e organizada, selecionando os materiais em conformidade com os objetivos da pesquisa, de forma que fosse contemplado as questões levantadas pelo pesquisador. Infere-se assim, que

essa temática contribui para referenciar outros trabalhos que tenham essa mesma linha de pesquisa, sendo um instrumento de colaboração para o meio profissional e acadêmico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Breve histórico da religiosidade e sua relação com a psicologia

No que tange aos processos religiosos é preciso se compreender como ele se desenvolve através do tempo no contexto psíquico do homem, quais suas influências, suas relações com o desenvolvimento da personalidade e suas manifestações exteriores a essa psique ativa e inconstante, que se alimenta de processos psíquicos energéticos e fugazes, os quais o homem só pode manifesta-los e representa-los através de uma linguagem simbólica e, muitas das vezes, universal. Nesse sentido “ Jung sustenta a compreensão da psique como espaço de experiência do numinoso, defendendo novos modos de ver fenômenos e experiências religiosas que até aquele momento não havia ocorrido” (DORTS, 2015, p. 16-17)

Assim, a religiosidade precisa ser entendida como uma manifestação essencial da vida interna do sujeito, ela é mais um elemento do complexo funcionamento psíquico, se Freud afirma que a psique é movida pela libido sexual, Jung vai nos afirmar que a sexualidade é apenas um aspecto desse emaranhado psíquico, esclarecendo que o pai da psicanálise não estaria equivocado, mas apenas teria experienciado uma parte comum e mais vivida do homem por estar mais próxima dos elementos instintivos.

O psicanalista analisou o homem somente pelo horizonte sentimental e psíquico, sem abordar a dimensão do mundo e da singular realidade existencial. Essa dimensão não está restrita à libido: o homem não é só desejo”. (NUNES; QUEIROZ, 2020, p. 235)

Dessa forma, compreende-se que a religiosidade de que trata os autores não é a baseada apenas em dogmatismos ou rituais, mas segundo Benevides (2020) é uma religiosidade que trata de uma experiência com o sagrado e com o poderoso em sua fundamentação da ótica existencial que permeia a forma de agir e vê dos indivíduos, e que se utilizou no decorrer dos séculos de rituais, seitas, manifestações e, modernamente, de dogmatizações. James (1991) esclarece que essa religião que é objeto

da psicologia se refere aos sentimentos, atos e experiências dos indivíduos em sua solidão na medida em que se relacionem com o que quer que possam considerar divino.

Por essas razões, temos religiosidade como uma atividade inerente da psique. “As religiões se acham tão próximas da alma humana, com tudo quanto elas são e exprimem, que a psicologia de maneira alguma pode ignorá-las”. (JUNG apud DORTS, 2015, pg, 16), além disso esse objeto da psicologia é investigado segundo Paiva (2018) na perspectiva da ciência contemporânea, a ciência empírica, que fundamentada em Kant se interessa não por saber o que a coisa é em si, mas em como ela se manifesta, ou seja, sua função pragmática e utilitária. E é baseado nessa ciência que existem dados históricos e antropológicos a respeito das manifestações humanas com uma atitude religiosa que vão além de uma influência cultural ou social.

Mircea (1992) na obra *O sagrado e o Profano* percorrem todo um panorama histórico e antropológico da relação do homem com a religião, desde sua manifestação entre os povos e até o seu interesse por estudos dessa natureza na Grécia Clássica, sobretudo a partir do século V, onde se manifesta nas descrições dos cultos estrangeiros e nas comparações com os fatos religiosos nacionais. Ainda, Dorts (2015) apud Jung (2017) afirma que apresentou fatos (dados empíricos) que provam que a alma é “naturaliter religiosa”, ou seja, é dotada de uma função religiosa que produz por si mesma, sem ser influenciada por qualquer ideia ou sugestão. Dessa maneira, “na psicologia, trata-se do ato de ver, e não da construção de novas verdades religiosas (...) nessa matéria de religião é sabido que não se pode entender o que não se experienciou interiormente”. (JUNG, 2011, vol.12).

538

A relação da religiosidade com o desenvolvimento psíquico do sujeito

A psique constitui uma dimensão da vida do sujeito e age como uma “entidade” que nasce junto com o corpo biológico, mas não se situa nele. Nesse sentido, é preciso fazer um certo esforço para compreender esse aspecto fundamental na manutenção da vida e de seus propósitos. Jung (2013) na obra *Desenvolvimento da personalidade* afirma que a psique parece constitui um caso especial do fenômeno da vida, partilhando com o corpo vivo a capacidade de produzir estruturas significativas e orientadas para uma finalidade; mas ainda com possibilidade de reproduzir-se e desenvolver-se.

Freud, por outro lado, atentou para o estudo e observação da psique estritamente em alguns aspectos, reduzindo a sua análise dos processos psíquicos ao aspecto libidinal de característica sexual, ou seja, a dinâmica dos processos psíquicos, especialmente das neuroses, se dava a partir de uma perspectiva qualitativa e direcionados a partir da sexualidade. Entretanto, conforme afirma Jung (2013) “estas opiniões, são de acordo com a minha convicção, uma generalização precipitada e restrita a um único aspecto, que já causou muitas das mais absurdas interpretações”.

Dessa forma, há uma visão mais abrangente do fenômeno psíquico, o qual é permeado por diversos elementos que possibilitam uma direção da energia psíquica conforme a atitude interior do indivíduo. Essa regulação ocorre de forma natural, visto que é uma disposição do mundo interior de cada ser humano e geralmente é ajustada a partir do oposto da atitude consciente que o homem mantém na vida comum. “A psique consiste em processos cuja energia pode se originar do equilíbrio entre os mais diversos tipos de opostos”. (JUNG, 2017, Vol 8/2, Pg, 164).

E para que haja o surgimento e a diferenciação da consciência é necessária sua desvinculação parcial do todo inconsciente e uma autorregulação da energia psíquica que direcione energia libidinal para estruturas responsáveis pela diferenciação do indivíduo em relação ao outro e em relação ao seu próprio inconsciente. E esse processo se dar através do contato direto com os cuidadores, em primeiro momento, mas também com a escola, a sociedade e a cultura, porém há um ponto essencial nesse processo que se manifesta através de uma disposição interna do indivíduo, que ele possui *a priori*, sua moral própria.

Jung (2014) no livro *Psicologia do Inconsciente* afirma que a moral não foi trazida do alto do Sinai em forma de tabuas e impostas ao povo, pelo contrário constitui uma função da alma humana, sem a qual seria impossível conviver em sociedade e por isso ela é encontrada em todos os níveis da sociedade sendo um regulador instintivo das ações.

Sendo um ser que possui necessidade direta do social e das relações para se desenvolver o homem precisa dispor de condição adequadas ao seu aperfeiçoamento, para que não caia em um empobrecimento moral e intelectual. E por isso, ele prescinde de um espírito vivo que vai além do intelecto e que possui um raciocínio próprio, empregando um simbolismo religioso muitas vezes incapaz frente ao que conhecemos

como inteligência. “Uma meta espiritual, que aponte para além do homem meramente natural e de sua existência terrena, é exigência incondicional para a saúde da alma”. (JUNG, 2013, vol.17).

Dessa forma, o homem prescinde de compreensão de como seu desenvolvimento se dar, de quais variáveis internas e externas que ele é permeado. Se o objeto da psicologia e da teologia é a alma humana, há nessas duas ciências similaridades no trato com a alma que nos permite observar o desenrolar das estruturas psicológicas de manutenção da vida psíquica do homem. Há símbolos e estruturas essenciais ligadas a psique que se repetem em diversas culturas e sociedades, o humano necessita como fator de desenvolvimento se voltar para algo numinoso, divino e maior do que a sua própria existência. Por essa razão, que Jung, William James, James Hillman, Marie Louise von Franz dedicaram grande parte de suas vidas em busca de compreender essa atitude religiosa que todos os seus pacientes apresentavam e que se manifestava das mais diversas formas, até mesmo na própria ausência de religiosidade. “O inconsciente é “religioso” – ou seja, é matriz de toda experiência religiosa primordial – mas frequentemente não é “ortodoxo””. (FRANZ, 2021, pg. 226).

Não se pode confundir esse aspecto religioso com o dogmatismo presente nas religiões institucionais, visto que aqui se trata de uma posição interna e pessoal. Assim, a religiosidade ou o numinoso se caracteriza por uma experiência única e individual de cada homem, mas que apresenta em suas estruturas básicas semelhanças com a experiência de outros indivíduos.

Franz (2021) na obra *Psicoterapia* acentua essa questão ao exemplificar que mesmo nas pessoas atormentadas pela doutrinação religiosa perversa, e que já não querem mais nenhum contato com algo que se refere a religião, o numinoso se manifesta, porém com fantasias sexuais, ambições de dinheiro, anseio de drogas e poder ou fanatismo político. A pessoa se torna possuída por deuses substitutos, que muitas das vezes, conferem uma ausência de liberdade – uma possessão. E então nesses casos, é preciso decidir a qual senhor se quer ouvir e servir e fazer um esforço sincero para avançar em direção ao autoconhecimento. No evangelho de Mateus 6:24 essas palavras estão expressas da seguinte maneira “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro”.

Dessa maneira, o contato com o divino e o numinoso se faz evidente desde o princípio e moldou a forma de ver, pensar e sentir do homem tanto no lado do ocidente como também do oriente, nesse sentido, Franz (2021) afirma que:

Quando uma experiência religiosa primordial ocorreu, ela é absoluta para aquele que a teve. Não obstante, se ele ao mesmo tempo compreender essa experiência como uma descoberta pessoal de significado, admitirá que Deus, ou o numinosum, também poderia revelar-se de milhares de outras formas, pois, em última análise, ele é algo incomensurável que só se revela através do filtro da psique humana, onde nos fala sob o aspecto de imagens e formas míticas. O que ele é "em si", contudo, não podemos saber, pelo menos não nesta vida. Por conseguinte, essa pessoa jamais desejará pregar sua experiência como a verdade universalmente válida". (FRANZ, 2021)

Portanto, a religiosidade só pode ser vivida de forma estritamente individual e a experiência de cada indivíduo se refere apenas a psique própria, apesar de os símbolos, mitos e imagens poderem se apresentar de forma universal e geral.

Discussões sobre a psicoterapia e a questão da religiosidade

A psicoterapia dentro do campo da psicologia pode ser fundamentada a partir de diversos olhares e abordagens, nesse sentido é preciso compreender que a religiosidade como aqui conceituada, muitas das vezes, não ganha a relevância que tem quando dentro de um setting terapêutico, seja ele de fundamentação humanista, analítica, cognitiva ou comportamental. Porém, é clara a ideia que Jung nos esclarece na obra *Psicologia e Religião* de que:

Todo o tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos." (JUNG, 2014, O.C,11/1, pg.9).

A passagem acima merece destaque porque enfatiza a relevância da religião para os indivíduos que chegam às clínicas psicológicas, aos grupos terapêuticos ou a qualquer sistema da rede de atendimento de saúde mental. Não é mais aceitável aquele velho conceito de neutralidade do psicólogo apoiado na ideia ultrapassada de ciência.

Ancona-Lopez (2008, pg.1, apud Lima, 2013, pg.5) afirma que uma das primeiras coisas que os psicólogos aprendem logo quando chegam à faculdade é que o trabalho do psicólogo exige neutralidade, e isso faz com que se subentenda que a religiosidade do terapeuta não deve se fazer presente, e essa falta de clareza torna a formação prejudicada e os profissionais da psicologia acabam por considerar que algumas de suas

reações, que evidenciam as próprias vivências religiosas, não poderiam ou não deveriam acontecer.

Nesse ponto se torna impossível não falar da necessidade de análise do próprio psicoterapeuta, tema tão citado dentro do meio acadêmico, mas por muitas vezes pouco desenvolvido e quando desenvolvido é feito com certa superficialidade. Desse modo, a análise não deveria se resumir apenas em palavras clichês como “se conhecer” ou “autoconhecimento”, mas em um processo profundo, rigoroso e constante de estar disposto a entrar em contato com imagens e símbolos interiores, bem como ouvir as vozes internas do seu desenvolvimento. Por isso, Freud colocou como fator imprescindível para o exercício da psicoterapia a análise do analista. Franz (2021) esclarece que uma das questões mais difíceis no treinamento de futuros analistas é o ponto que se refere a sua adequabilidade à profissão:

Mesmo o programa mais abrangente que se dedique exclusivamente a fornecer o indispensável conhecimento, por mais necessário que seja, não pode transmitir às pessoas aquele algo que cria nelas uma emanção curativa.” (FRANZ, 2021, pg.319).

Por essa razão todo aquele que aspira se voltar para o trato humano e se dispõe a ser instrumento de cura precisa estar bem fundamentado em si mesmo. A psicoterapia é uma relação dialética que não descarta nenhum dos lados, pelo contrário um tem sempre que conseguir vê mais além que o outro. Hillman (2018) afirma que a psicologia e a teologia têm como um lugar comum a alma, porém ressalta que a alma é um “não lugar”, visto não ser uma preocupação nem para a psicologia e nem para a teologia, sendo então o espaço vago aonde se espera que Deus e o Homem possam se encontrar. E ao falar desse encontro, de Deus com o homem dentro da alma, o autor se refere a imagem que a psique tem de Deus, enquanto coisa conhecida, experimentada, sentida, intuída, representada ou formulada por uma pessoa. (HILLMAN, 2018)

A alma assim pode ser um termo utilizado alternadamente com o termo psique, tendo como principal atributo: “conferir sentido, transformar acontecimentos em experiências, comunica-se pelo amor e tem uma implicação religiosa”. (HILLMAN, JAMES, 2018, pg.41). Dessa forma, percebemos que o trato com a psique ou alma permeia o fazer do profissional de psicologia e que não é uma tarefa fácil de se exercer, exigindo um processo de transformação e desenvolvimento. Hillman (2018) mostra na

sua obra que a análise profunda conduz a alma e está inevitavelmente envolve análise com religião e mesmo com teologia, ressaltando que a religião vivida como experiência nasce da psique humana, sendo por causa disso um fenômeno psicológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise do material selecionado para este estudo, os resultados apontaram que a religiosidade é um construto da personalidade humana real e que faz parte da sua estruturação, a qual movimenta o homem para a busca de sentido, quando analisada em seu caráter pessoal e estrito. Registra-se as contribuições de James (1991) quando afirma que essa religião pessoal significa os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar divino, assim, se pode observar que essa relação se dar tanto de forma moral, quanto física ou de ritual.

Com relação as influências da religião no desenvolvimento psicológico dos indivíduos, destaca-se Jung (2013) e Franz (2021) ao destacarem que o homem possui uma necessidade direta do social e das relações para se desenvolver e para que não caia em um empobrecimento moral e intelectual ressaltam a necessidade de o homem possuir um espírito vivo que vá além do intelecto e que seja permeado de um raciocínio próprio.

Além disso, Jung (2013) coloca que uma exigência incondicional para a saúde da alma, aqui entendida como a mente, é o ser ter uma meta espiritual, a qual deve apontar para além do homem meramente natural e de sua existência terrena. Nesse sentido, a meta espiritual do indivíduo pode ser completamente oposta aquele conceito de religião institucional que James (1991) nos apresenta, ou seja, ela está muito mais ligada a uma moral própria que, conforme Jung (2013), se manifesta através de uma disposição interna do indivíduo, a qual ele possui *a priori*.

Outro ponto de essencial importância é o destacado por Franz (2021) ao delimitar de forma clara que a religiosidade estar presente até naquilo que parece uma ausência de divindade como no ateísmo. Assim, a autora enfatiza que “a pessoa se torna possuída por deuses substitutos, que muitas das vezes, conferem uma ausência de liberdade – uma possessão” e esses deuses podem se manifestarem como fantasias sexuais, ambições de dinheiro, anseio de drogas e poder ou fanatismo político. Essa

contribuição da autora confirma a hipótese de que a religião se faz constante em cada ser humano, visto que a sua própria aparente falta é preenchida por outras formas e objetos semelhantes a divindade. Sobre essa questão James (1991) é fundamentado por Franz (2021) ao discorrer sobre o conceito de “semelhanças com a divindade” afirmando que:

Se concebem os deuses como as primeiras coisas no campo do ser e do poder. Eles nos cobrem e envolvem e deles não há escapar. O que se relaciona com eles é a primeira e a última palavra no caminho da verdade. O que quer que fosse então mais primevo, envolvente e profundamente verdadeiro, nesse caso, seria tratado como semelhante a Deus”. (JAMES, 1991 apud FRANZ, 2021)

Nesse sentido, fica claro que as formas e objetos que Franz se refere como os substitutos de Deus, são também objetos de estudo realizados por James (1991), o qual fortalece a ideia de que tais conteúdos despertam nos sujeitos, classificados como sem envolvimento com o divino, sensações e percepções semelhantes a divindade.

Enfatiza-se a postura do profissional de psicologia frente a essa realidade, pois seguindo a pensamento de Ancona-Lopez (2008, apud Lima,2013) não é mais aceitável aquele velho conceito de neutralidade do psicólogo apoiado na ideia ultrapassada de ciência, ou seja, é necessário que o aspecto religioso do cliente seja trabalhado, desenvolvido e analisado, não se pode mais tratar a religiosidade e a religião como tabus científicos, é preciso explorar esse campo da existência do ser. Com relação a esse ponto Jung (2014) destaca que é um dever de todo tipo de psicologia que se ocupa da estrutura da personalidade humana constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos.

Pode-se depreender ainda que o processo terapêutico não deve se resumir apenas em palavras básicas como “se conhecer” ou “autoconhecimento, mas como Hillman (2018) destaca como sendo um processo profundo, constante e muitas vezes rigoroso que é a análise pessoal e a necessidade do cliente e do terapeuta de estarem dispostos a entrarem em contato com imagens e símbolos interiores. Esta mesma autora, ainda constata que a análise profunda conduz à alma e, como esta por sua vez, envolve inevitavelmente a análise com a religião e mesmo com a teologia e completa afirmando que a religião vivida como experiência nasce da psique humana, sendo por causa disso um fenômeno psicológico. HILLMAN (2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou analisar o fenômeno religioso e como ele influencia no processo de estruturação do desenvolvimento psicológico de cada indivíduo. Nesse caminho, buscou-se apresentar um breve histórico da religiosidade/espiritualidade e sua relação com a psicologia, descrever qual a relação da religiosidade com o desenvolvimento psíquico do sujeito e discutir quais as implicações do fenômeno religioso na vida social dos indivíduos. Ressalta-se que os objetivos elencados para este estudo foram contemplados e alcançados.

Nesse sentido, as contribuições de Jung (2013; 2014; 2015; 2017); Hillman (2018) e Franz (2021) tiveram uma conotação muito importante, pois afirmaram que religiosidade se desenvolve no campo interno de cada indivíduo ao ponto de contribuir para a formação e para o desenvolvimento psíquico deste. Assim, esclarecem que a religião não se restringe a práticas exteriores e a comportamentos contemplativos, pelo contrário, afirmam que a experiência religiosa, no sentido em que trabalham, é um processo vasto e complexo, sendo de difícil alcance para grande parte das pessoas. Com isso, entende-se que limitamos a religião quando a olhamos apenas como um arcabouço sociológico e cultural, a psicologia de base analítica vai além e desenvolve uma forma de trabalho dialético capaz de analisar o numinoso e as experiências numinosas a partir do sujeito e da sua própria estruturação de desenvolvimento psíquico. Diante disso, é evidente que o profissional de psicologia deve levar para a sua prática clínica, independente do campo de atuação, um arcabouço de concepções e estudos que o possibilite trabalhar as demandas do campo religioso do indivíduo e além disso reconhecer o construto religioso que faz parte da estrutura da psique.

As contribuições de Ancona-Lopez (2008) e Lima (2013) explicitam que o psicólogo precisa se desvencilhar da ideia de neutralidade que a academia por muito tempo defendeu. Assim, ampliar a sua influência dentro do processo terapêutico e a forma de amplificar as experiências de base religiosa se faz de vital importância para o desenvolvimento do paciente no seu processo de análise. Com isso, evidencia-se a atualização necessária e constante de todo aquele que busca contribuir de forma dialética para o crescimento do outro, uma vez que o fazer da psicologia não pode ser

restrito a áreas específicas, é imprescindível que o campo religioso seja explorado, visto que é uma realidade.

Evidencia-se que este estudo, por se tratar de uma temática atual e relevante não se encerra aqui. Assim, sugere-se ampliação do estudo, é importante que o psicólogo reflita sobre sua prática clínica e a forma de trabalhar as demandas que a psique tem em relação a religiosidade. Busca-se sair da ideia simplória de que religião é só de caráter institucional e procura-se descartar, também, o fato de que religiosidade se resume a quando o cliente fala de Deus, fé ou suas práticas exteriores.

Dessa forma, esse estudo científico deve contribuir para o aprofundamento do caráter religioso da psique humana e do fenômeno da religiosidade, que é um fenômeno psicológico e inerente a todo ser que vive e pensa, ou seja, o psicólogo não apenas deve esperar que a religiosidade se manifeste de forma abrupta, mas pautar a sua análise em descobrir aonde esse fenômeno é vivo na vida pessoal do sujeito. Pois, como afirma Jung (1932) apud Franz (2021): “a única maneira pela qual Deus já falou ao homem é através da psique, e a psique o entende e nós o vivenciamos como algo psíquico. Qualquer pessoa que chame isso de psicologismo está negando o olho que contempla o sol”.

546

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Rodrigo B. G. **Consciências Saudáveis e Almas Enfermas: Posturas Éticas Religiosas em William James**. Estudos de Religião, v. 34, n. 3 • 307-335 • set.-dez. 2020. Eletrônico: 2176-1078.

DIAS, Julio C. T. **Perspectivas da Psicologia da Religião**. Revista Caminhando v. 22, n. 2, p. 97-115, jul. /dez. 2017

HILLMAN, James. **Uma busca interior em psicologia e religião**. São Paulo: Paulus, 5ª reimpressão, 2018.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana**. Livro digital, São Paulo: Cultrix, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Livro digital, vol. 11/1 Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica: escritos diversos**. Livro digital. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e alquimia**. Livro digital. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis. Vozes, 2013, 12^a reimpressão.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Livro Digital. Petrópolis, Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **Espiritualidade e transcendência: Seleção e edição de Brigitte Dorst**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique: a dinâmica do inconsciente**. vol.8/2 Parte 2. Vozes. 2017.

LIMA, A. P. P. **O acolhimento da religiosidade na psicoterapia: reflexões a partir de uma experiência clínica**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MIRCEA, Eliade. **O sagrado e o profano**. Livro digital. São Paulo: Livraria Martins Fontes editora ltda. 1992

NUNES, A. V; QUEIROZ, R. D. **Freud e Eliade: Um debate sobre o fenômeno religioso**. Estudos de Religião, v. 34, n. 2 • 225-244 • maio-ago. 2020 • Eletrônico: 2176-1078.

PAIVA, Geraldo José. **Psicologia da Religião: natureza, história e pesquisa**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n2, jul./dez. 2018, p. 9-31

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L. H. **A pesquisa bibliográfica: princípios e Fundamentos**. Cadernos da FUNCAMP, v.20, n.43, p.64-83/2021.

547

FRANZ, Marie-Louise Von. **Psicoterapia**. 2^a ed., São Paulo: Paulus, 2021.